

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA  
7 e 18 de fevereiro de 2022

# SILK STOCKINGS / 1957

*(Meias de Seda)*

um filme de Rouben Mamoulian

**Realização:** Rouben Mamoulian / **Argumento:** Leonard Gershe e Leonard Spigelglass, baseado na peça musical homónima de George S. Kaufman, Leueen McGrath e Abe Burrows, inspirado no romance "Ninotchka" de Melchior Lengyel e no argumento de Billy Wilder, Charles Brackett e Walter Reisch para o filme **Ninotchka** de Ernst Lubitsch (1939) / **Fotografia:** Robert Bronner / **Direcção Artística:** William A. Jarning e Randall Duell / **Direcção Musical:** André Previn / **Canções:** "All of You"; "Fated to be Mated"; "Paris Loves Lovers"; "Siberia"; "The Ritz Roll and Rock"; "Too Bad We Can't Go Back to Moscow"; "Stereophonic Sound"; "It's a Chemical Reaction, That's All"; "Satin and Silk"; "Silk Stockings"; "Without Love"; "Josephine"; "The Red Blues", música e letras de Cole Porter / **Orquestrações:** Conrad Salinger, Skip Martin e Al Woodbury / **Arranjos Vocais:** Robert Tucker / **Coreografia:** Hermes Pan (pare todos os números de Fred Astaire) e Eugene Loring / **Guarda-Roupa:** Helen Rose / **Montagem:** Harold F. Kress / **Interpretação:** Fred Astaire (Steve Canfield), Cyd Charisse (Nina Yoshenko, "Ninotchka"), Peter Lorre (Brankov), Jules Munshin (Bibinski), Joseph Bulloff (Ivanov), Wim Sonneveld (Peter Boroff), Janis Paige (Peggy Dayton), George Tobies (Vassili Markovitch), Barie Chase (Fifi), Betty Uitty (Suzette), etc.

**Produção:** Arthur Freed para a Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** 35mm, Metrocolor, CinemaScope, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 117 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 21 de Maio de 1957 / **Estreia em Portugal:** Cinemas S. Luís e Alvalade, a 11 de Fevereiro de 1958.

---

Qualquer cinéfilo conhece a origem deste filme e a sua história. Viu-o n vezes no celebrado **Ninotchka** de Lubitsch, com Greta Garbo a rir (pela primeira vez) na inesquecível sequência do champagne. É um dos mais divertidos e cáusticos filmes alguma vez feitos. Neste caso, também, o cinema inspirou o teatro. Em 1955, Abe Burrows e Kaufman basearam-se no filme para um musical (já chamado "Silk Stockings" com uma genial partitura de Cole Porter e Heldegarde Neff e Don Ameche nos papéis que no filme de Lubitsch tinham cabido à "Divina" e a Melvyn Douglas e na versão cinematográfica couberam a Cyd Charisse e a Fred Astaire). Em plena "guerra fria" a sátira era mais ácida que a da **Ninotchka** e a peça (achada demasiado política) não pegou tanto como o filme que lhe estivera na base.

Mas Arthur Freed cheirou o negócio. Havia, na peça, tantas piadas ao cinema (notoriamente a canção que aqui se chama "Stereophonic Sound" e que na peça tinha o título de "Glorious Technicolor, Breathtaking Cinemascope and Stereophonic Sound") que lhe pareceu que inverter a regra, e voltar a chamar ao cinema o que ao cinema pertencia, era receita segura. Mas compreendeu a complexidade da "coisa" em que se metia e não a confiou a nenhum dos seus homens habituais. Foi bater à porta de Mamoulian (talvez porque Lubitsch já não fosse vivo) e deu-lhe a carta branca que todos os estúdios lhe recusavam depois do malogro comercial de **Summer Holiday**, em 1948. E teve uma das mais brilhantes ideias da vida dele (e, meu Deus, teve tantas!) quando explicou ao arménio que queria os principais papéis confiados a bailarinos e lhe sugeriu, nem mais nem menos, que Astaire e Charisse. Mamoulian percebeu logo onde podia

chegar. Cito-o. "Disponha dos dois melhores bailarinos do mundo e o que me apaixonou foi poder dar à dança uma importância muito maior do que à própria acção, que era conhecida do público e se limitava a retomar o **Ninotchka**. A progressão psicológica e dramática só podia existir nos ballets. Era a dançar que os personagens tomavam consciência de isto ou daquilo, e os ballets jamais foram concebidos como momentos de simples espectáculo."

Pela segunda e última vez na história do cinema (a primeira foi como se sabe o inadjectivável **The Band Wagon** de Minnelli), Fred Astaire e Cyd Charisse dançavam juntos. Ele tinha 58 anos e, embora tenha ainda aparecido em vários filmes posteriores a este, foi efectivamente a última obra de Astaire, "tel qu'en lui-même". Cyd tinha 36 e se também fez vários filmes notáveis depois (basta recordar **Party Girl** de Nicholas Ray, em 1958 ou **Two Weeks in Another Town** de Minnelli em 1962) igualmente nunca mais voltou a dançar assim. E quando os dois dançam assim (Hermes Pan a trabalhar com Astaire; Eugene Loring com Cyd) tudo é realmente inacreditável. Se Cyd Charisse já tinha que competir (como actriz) com o fantasma da Garbo (a comparação era inevitável) e se aguenta magistralmente (a sua chegada a Paris e ao hotel é tão boa como a da Garbo) quando começa a sedução, o ritmo já é só o do movimento dos corpos. Cyd canta o "It's a Chemical Reaction, That's All" (canção que também repete frases da Garbo na **Ninotchka**) e depois diz ao atónito Astaire a frase espantosa (em sentido erótico e em sentido coreográfico): "But I've not seen the rest of you". "You mad romantic russian" responde Astaire a essa frase nada romântica. E com o "norte, o sul, o leste e o este" dele, "All of You", começa o fabuloso ballet deles, afinal prelúdio para o maior momento do filme: o "Fated to be Mated", no estúdio deserto de Paris, quando atravessam todos os décors e Astaire a levanta do chão ("uma das obsessões dele" diz Hermes Pan) entre os barris empilhados. Tão bom – para Cyd – só o bailado das "Silk Stockings" (a solo), depois de tapar o retrato de Lenine e de tirar as meias de seda debaixo da almofada. "Oh no! It can't be!" diz-lhe depois Astaire, quando ela lhe aparece "pompeusement parée". Mas o comentário deve ser dirigido a esse solo das roupas de baixo, um dos mais belos e puros e mágicos momentos de dança de toda a história do cinema. Quem o não tivesse percebido até agora, percebia ai porque é que Cyd Charisse foi a mais fabulosa bailarina do cinema. E porque é que houve as pernas de Marlene, depois as dela, e depois nunca mais ninguém teve pernas.

Mas estou, por razões óbvias, a ser parcial: Astaire é identicamente glorioso e reserva-nos, no fim, a grande surpresa, com o "The Ritz Roll and Rock", cuja música (como a do "Fated to be Mated") foram expressamente compostas por Cole Porter para o filme e para Astaire (não existiam na peça). E se o gozo ao cinema já fora portentoso no "Stereophonic Sound" e no número com a "American Swimmings Sweetheart" ("Neptune's Mother", "The Swan of the Black Lagoon"), a paródia ao "rock" (em anos de Elvis) é sublime. Além do que, provavelmente, e apesar do lado satírico, nunca ninguém dançou o rock tão bem como Fred Astaire neste filme.

Além de tudo isto (e não falei de metade dos inenarráveis "ballets" deste filme) há a suprema inteligência de Mamoulian em não querer competir com o fantasma de Lubitsch, ou ser mais engraçado do que ele. Converteu o aristocrata (da **Ninotchka**) num produtor americano e, como Lubitsch fez, não virou a sátira unicamente contra os russos. A história do "Guerra e Paz" é óptima (com a actriz a desmentir qualquer rumor entre ela e Tolstoi) como o é a da "Josephine", ou o da indignação de Baroff quando vê o que fizeram à música russa (e a genial réplica de Astaire "We never changed the past, only the future").

Há ainda o "Sibéria", o "gag" do livro do "Who's Still Who" e o jantar da "propaganda" com Peter Lorre sentado, a bater os pés. Too good to be true. "How can this civilization survive?" pergunta Ninotchka à chegada a Paris. A resposta é **Silk Stockings**, ou seja, enquanto fizer filmes como este. Que foi o último filme de Rouben Mamoulian e a mais bela rima para uma carreira começada, quase trinta anos antes, com **Applause**.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

